

**Nova realidade** Para Unctad, FMI e Bird terão de ampliar a oferta de recursos para enfrentar escassez

# Crise de liquidez ameaça emergentes

**Maria Luiza Abbott**  
De Londres

Os países industrializados precisam tomar pelo menos duas medidas imediatamente para estimular a economia e evitar uma recessão mundial, segundo a Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad). A Europa deve aumentar os gastos públicos, seguindo o exemplo dos Estados Unidos, e as instituições multilaterais, como Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, devem ampliar a oferta de recursos para atender países que possam ser afetados pelo aperto de liquidez. A Unctad está particularmente preocupada com Argentina e Brasil, embora a Turquia também precise de financiamento externo.

Segundo dados da Unctad, os países emergentes da Ásia, em conjunto, terão um superávit em conta corrente de 3% do Produto Interno Bruto. "Já a Turquia, por ser um país que desempenha um papel importante na região conturbada, é quase certo que considerações políticas vão prevalecer na decisão de liberar mais recursos. O problema é mesmo Brasil e Argentina, que estão distantes do cenário e são os mais vulneráveis à aversão ao risco, pois os investidores não querem investir justamente naqueles países que mais precisam de recursos", disse Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad.

O secretário considera que existe nos governos dos países industrializados uma disposição inicial de agir para evitar que a crise contamine mercados emergentes importantes, como Brasil e Argentina. Uma crise em um dos dois poderia contagiar os demais emergentes, num momento em que a economia mundial está fragilizada. A Unctad defende que, da mesma forma que os bancos centrais dos países ricos injetaram bilhões de dólares no sistema bancário, dando crédito aos bancos, antes da reabertura da bolsa de Nova York, agora será preciso que FMI e Banco Mundial injetem liquidez no sistema internacional.

Em documento publicado ontem, a Conferência lembra que a redução no total de investimentos diretos deve superar os 40% previstos antes do atentados nos EUA, e devem cair drasticamente também os fluxos financeiros. Nesse quadro, será preciso que o Fundo ponha à disposição seus mecanismos de financiamento de contingência e de emergência.

Se necessário, os governos dos países ricos também deveriam contribuir para aumentar os recursos disponíveis e ampliar os direitos especiais de saques dos países que precisarem, segundo o secretário. "As estimativas são unânimes de que o Brasil será o país mais atingido no ano que vem pela aversão ao risco e porque os investidores vão fugir dos

países que precisam de grandes volumes de recursos para rolar suas dívidas, como é o caso brasileiro", disse Ricupero.

No documento, a Unctad afirma que, desde os ataques terroristas, tornou-se real o perigo de que as três principais economias do mundo — EUA, Japão e Europa — entrem em recessão ou cheguem muito perto disso. O governo americano deve injetar o equivalente a 2% do PIB do país para revitalizar a economia. Para a Conferência, a Europa deve adotar a mesma receita, revendo os limites fiscais do acordo de Maastricht, quando foi lançada a proposta do euro.

"Na época que criaram esses limites, o fantasma maior eram inflação e déficits altos. Hoje em dia é a ameaça de uma recessão global. É preciso rever esse tratado, porque as circunstâncias são outras", disse Ricupero, que acha que a Europa vem pagando um preço muito alto por essa rigidez fiscal. No início do ano, os europeus estavam confiantes de que não seriam atingidos pela desaceleração nos EUA.

Na realidade, porém, as previsões são de que a economia da zona do euro deve crescer pouco mais de 1% este ano, depois de uma expansão de 3,4% em 2000. O índice de confiança na região vem caindo — em setembro chegou ao nível mais baixo desde 1997 — e pode declinar ainda mais se confirmadas as previsões de aumento do desemprego.

## Negócios da guerra



**FOTOS ASSOCIATED PRESS**  
Loja de armas da Flórida exhibe alvos com o rosto do milionário saudita Osama bin Laden, apontado pelos EUA como responsável pelos ataques terroristas de 11 de setembro. Cada alvo é vendido por US\$ 10, e alguns fregueses voltam a

loja para exibir seus resultados. A renda é revertida para a Cruz Vermelha americana. Em Peshawar, no lado paquistanês da fronteira com o Afeganistão, vendedor oferece tapetes com o mapa afegão e referências à guerra em que

combatentes islâmicos derrotaram o Exército soviético (1979-89). A cidade paquistanesa foi uma das que mais receberam refugiados após a invasão soviética, e afegãos passaram a dominar o comércio de tapetes e ouro na localidade.